

Thomas Reid e as Teorias de Ordem Superior da Consciência

Thomas Reid and the Higher Order Theories of Consciousness

Gaspar de Souza
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Resumo

É inquestionável haver uma teoria da consciência em Thomas Reid (1710 – 1796). Porém, pelo menos duas posições antagônicas são apresentadas para descrever essa teoria. Seria a teoria da consciência em Reid diferente das teorias contemporâneas de ordem superior, como defende Rebecca Copenhaver (2007)? Ou Reid concordaria com as “teoria de ordem superior”(Higher-Order Theories [HOT]), conforme pensa Udo Thiel (2010)? Nesse artigo esboçarei algo da teoria da consciência em Reid que, possivelmente, levaria Thomas Reid a concordar com as teorias de ordem superior, sem comprometer seu sistema de realismo direto. Para alcançarmos esse objetivo, desenvolveremos o artigo da seguinte forma: (1) Introdução ao debate e discussões acerca das teorias de ordem superior da consciência; (2) uma apresentação da teoria da consciência em Thomas Reid; (3) conclusão. Nos apropriaremos da análise de conceitos sobre o tema e sobre o pensamento de Reid

Palavras-chaves: Filosofia da Mente. Teorias de Ordem Superior. Consciência. Percepção. Sensação.

Abstract

It is unquestionable to have a theory of consciousness in Thomas Reid (1710 - 1796). However, at least two antagonistic positions are presented to describe this theory. Is Reid's theory of consciousness different from contemporary higher order theories, as Rebecca Copenhaver (2007) argues? Or would Reid agree with the "higher order theory", as Udo Thiel (2010) thinks? In this article I will outline something of Reid's theory of consciousness that would possibly lead Thomas Reid to agree with higher order theories without compromising his system of direct realism. For this purpose, we will develop the article as follows: (1) Introduction to the debate and discussions about higher-order theories of consciousness; (2) a presentation of Thomas Reid's theory of consciousness; (3) conclusion. We will appropriate the analysis of concepts on the subject and on Reid's thought.

Keywords: Philosophy of Mind. Higher Orders Theories. Consciousness. Perception. Sensation.

Informações do artigo

Submetido em 04/01/2023
Aprovado em 10/01/2023
Publicado em 10/02/2023.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2023.v23n1.p62-75>



Esta obra está licenciada sob uma licença
[Creative Commons CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Como ser citado (modelo ABNT)

SOUZA, Gaspar de. Thomas Reid e as Teorias de Ordem Superior da Consciência. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 23, n. 1, p. 62-75, jan./abr. 2023.

1 INTRODUÇÃO

“Talvez a filosofia da mente não tenha sido menos adulterada por teorias que a filosofia do sistema material” (Thomas Reid)

As contribuições de Thomas Reid (1780 – 1796) para diversas áreas da filosofia (estética, ética, filosofia da mente, filosofia da linguagem e epistemologia etc.) têm sido inquestionável. A partir de duas obras importantes, *Investigação sobre a Mente Humana segundo os Princípios do Senso Comum* (1764, daqui por diante IMH) e *Essays on the Intellectual Powers of Man* (1787, daqui por diante EIP), Thomas Reid propõe um *realismo direto* da mente, sensação e percepção: a mente não tem acesso a representações dos objetos, mas acesso direto a eles. Certamente seu entendimento acerca da consciência está em oposição às “teorias das ideias” de Descarte, Locke, Berkeley e Hume. Para Reid, ainda que com algumas diferenças, os sistemas representados nesses autores levam ao ceticismo (IMH, 1.7), uma vez que ou negavam o mundo material (externo), existindo apenas ideias e mentes (Berkeley, na esteira de Descarte, Locke e Malebranche); ou, desfazem o “mundo dos espíritos” (da mente), restando apenas “ideias e impressões, sem nenhum sujeito no qual elas possam ser impressas” (IMH, 1.5) como em Hume. Eis por que a noção de consciência e percepção se torna central na filosofia de Thomas Reid.

Ainda que Reid tenha sido temporariamente relegado a um segundo plano na literatura contemporânea sobre filosofia da mente, isso tem sido relativamente minimizado à luz dos debates contemporâneos acerca da consciência, sobre tudo nas teorias de Primeira Ordem e de Ordem Superior da Consciência. (THIEL, 2010).

Entre os debates contemporâneos, a partir da distinção de David Chalmers entre “problemas fáceis e problemas difíceis” (2010, p. 4), analisa-se se a consciência pode ou não ser reduzida ao fisicalismo. Ora, enquanto a explicação de estados mentais puder ser analisada com base nos métodos das ciências cognitivas, ou em termos de mecanismos puramente físicos, não haverá problemas da consciência. “Não há nenhuma questão real se esses problemas puderem ser explicados cientificamente [...] se tais fenômenos forem tudo que

existe na consciência, então a consciência não seria um grande *problema*". (CHALMERS, 2010, p. 4-5).

Todavia, é o caráter subjetivo, ou seja, a *experiência* da consciência que se impõe como desafio aos métodos até então utilizados. Thomas Nagel entende que, de um ponto de vista filosófico, a *Weltanschauung* naturalista, que postula uma relação hierárquica nas ciências – biologia, química e física – não é “uma condição necessária da prática de quaisquer daquelas ciências” (2010, p.4), mesmo na questão da relação mente-corpo. Não é tanto que ele rejeite o fisicalismo. (Idem, 1974, p. 258). É que o fisicalismo não é suficiente, pelo menos por ora, “para entender a hipótese de que um evento mental é um evento físico”. (Idem, p. 259).

O presente artigo procura examinar em que lugar da filosofia contemporânea da mente Thomas Reid pode ser interpretado. Autores contemporâneos (e.g. Keith Hossack, 2006) veem a teoria de Reid como uma “teoria da consciência de primeira ordem”, em que os estados mentais conscientes se dão quando alguém está consciente *transitivamente* de algo. (COPENHAVER, 2007, p. 617).

Porém, à luz da definição de Reid de que “Consciência é uma operação de seu próprio tipo” (EIP, 6.5.1) ou “o poder pelo qual nós conhecemos acerca das operações de sua própria mente” (EIP, 1.17), e procurando evitar uma leitura anacrônica – já que o termo “consciência” é polissêmico –, parece-nos que Reid poderia ser interpretado em termos de teorias de ordem superior, ou seja, que um estado mental *qualquer* será consciente apenas quando acompanhado, simultânea e não-inferencialmente, de outro estado de ordem superior. Conforme Rosenthal (1997, p 741),

Nós estamos conscientes, nesse modelo, quando temos um pensamento sobre isso. Então, um estado mental será consciente se ele for acompanhado por um pensamento sobre aquele estado [...] o núcleo da teoria, então, é que um estado mental é um estado consciente quando, e somente quando, é acompanhado por um pensamento de ordem superior (*higher-order thought*).

Sendo assim, há de se perguntar: é possível que Thomas Reid seja visto, a despeito de seu dualismo, como antecipando uma teoria de ordem superior, ainda que incipiente? Ou, ainda que houvesse em seus escritos uma concepção

de “primeira ordem”, é possível encontrar certa inclinação de Reid para uma teoria de ordem superior? Passemos ao exame.

2 TEORIAS DE ORDEM SUPERIOR

Ao falar-se de consciência, precisa-se levar em conta o caráter polissêmico do termo. (ARMSTRONG, 1997, p.721). Interessa-nos, porém, a natureza da consciência, suas propriedades e suas operações. Analisar o que faz com que uma pessoa esteja consciente é procurar saber a relação existente entre o antes, durante e depois desse estado, isto é, se há, no momento do estado mental, outro estado mental monitorando.

Teorias de ordem superior procuram explicar essa relação entre o estado consciente e algum tipo de representação mental ou objetos de ordem superior, seja percepção (*higher-order perception* – HOP) ou pensamento (*higher-order thought* – HOT). “Existe uma longa tradição que tem tentado entender a consciência em termos de algum tipo de consciência de ordem superior” (GENNARO, 2004, p. 1), cujo desafio é explicar as propriedades que estão envolvidas no caráter fenomênico do estado mental. Concebe-se a consciência, portanto, como decorrente de um monitoramento de um estado mental sobre outro.

Conforme acima, as teorias de ordem superior podem ser analisadas segundo o tipo de representação do estado mental. Na primeira, “existe um importante sentido no qual, se uma pessoa não está *percebendo*, então ela não está consciente”. (ARMSTRONG, 1997, p. 723. *Itálico meu*).¹ Nesse caso, para estar consciente, o estado mental precisa representar um conteúdo perceptivo:

1. Uma pessoa S está consciente quando *percebe que* ou *sente* um objeto representado *internamente* na mente.

Suponha que alguém está dormindo. Desde que existam atividades mentais acontecendo, a pessoa não está totalmente inconsciente. Ele está minimamente consciente.² Ainda assim, não existe um sentido óbvio no qual ele está inconsciente? Agora, suponha que essa pessoa comece a perceber seu ambiente e estado corporal (não quero dizer ‘suponha que ele

¹ Nesse caso, *higher-order perception* (HOP)

² Ou seja, mesmo dormindo, tal pessoa ainda tem conhecimento e crenças, memórias, habilidades etc.

acorde' porque, talvez, exista mais em acordar do que apenas começar a perceber novamente). Eu penso que seríamos inclinados a dizer que a pessoa estava então consciente de um modo que ela não tinha estado antes, enquanto simplesmente sonhava. Digamos, portanto, que ela recuperou a consciência 'perceptual'. (ARMSTRONG, 1997, p. 723).

Essa análise reflete a concepção lockeana de "sentido interno". Segundo afirmação de John Locke, "consciência é aperceber-se do que se passa na própria mente de um homem". (2014, 2.1.19). Nessa concepção, o tipo de percepção é interno, ou seja, aquela que é dirigida para os próprios sentidos.

...a outra fonte a partir da qual a experiência provê de ideias o entendimento é a percepção das operações interiores da nossa própria mente enquanto se debruça sobre as ideias que recebeu. Essas operações, quando a alma sobre elas reflecte e as considera, abastecem o entendimento de uma outra série de ideias que não se poderiam receber das coisas exteriores. Tais são as de percepção, pensar, duvidar, acreditar, raciocinar, conhecer, querer e de todas as diversas acções do nosso próprio espírito, as quais – posto que delas temos consciência e as podemos observar em nós mesmos – recebemos no nosso entendimento tão distintamente como as que temos dos corpos que impressionam os nossos sentidos. todo o homem possui totalmente em si mesmo esta fonte de ideias e, ainda que ela não seja um sentido por nada ter que ver com objectos externos, assemelha-se-lhe muito, todavia, e pode com propriedade ser chamada sentido interno. Mas, como à outra fonte das ideias chamo sensação, a esta denomino reflexão, porque por seu intermédio a mente só recebe as ideias que adquire ao reflectir sobre as próprias operações internas. Portanto, na continuação deste discurso, quero que se entenda por reflexão o conhecimento que a alma adquire das sua próprias operações e respectivos modos, pelos quais o entendimento chega a ter ideias acerca de tais operações. Estas duas fontes, isto é, as coisas externas materiais, como objectos de sensação, e as operações internas da nossa mente, como objectos da reflexão, são, para mim, os únicos princípios de onde todas as nossas ideias originariamente procedem. Aqui emprego o termo operações num sentido lato, de modo que compreende não só as acções da mente em relação às suas ideias, mas também um certo tipo de paixões que, por vezes, delas procedem, tais como a satisfação ou inquietação que qualquer pensamento possa provocar. (Idem, 2.1.4).

O argumento de Locke, que dá sustentação à HOP, pode ser assim esboçado:

Argumento 1:

1. A experiência supre o entendimento com ideias ou pela sensação ou pela percepção.
2. A percepção se ocupa das ideias que já lhe pertencem à mente. São operações da própria mente.
3. Tais operações da mente suprem o entendimento com outras séries de ideias: percepção, pensamento, duvidar, crer, raciocinar, conhecer, querer.
4. Então, essas operações são diferentes atos da própria mente.

Ora, fulcral para teoria da consciência é compreender o lugar da percepção, aquilo que cotidianamente poderia ser chamado de *conteúdo representacional da experiência perceptiva* e sua relação com a sensação, ou seja, o *aspecto fenomenal da experiência perceptiva* (cf. COPENHAVER, 2006). Vê-se, de início, que Locke parece identificar os atos mentais com a própria percepção em geral. Porém, logo em seguida, Locke também parece identificar a consciência com a reflexão ou um *sentido interno*.

Argumento 2:

5. Se esses atos são observados em nós mesmos, então se tem consciência.
6. Mas, essas ideias não têm sentido relacionadas com os objetos externos.
7. Se for assim, então devem ser chamadas de *sentido interno* ou *reflexão*.
8. Só serão como tais se, somente se, a mente refletir acerca de suas próprias operações.
9. Portanto, a reflexão é a mente observando suas próprias operações.
10. Assim, a consciência é identificada com a reflexão.

Com base nisso, então, se “consciência for o mesmo que reflexão ou senso interior, consciência, também, seria uma percepção de ordem superior”. (THIEL, 2010, p. 15).

A segunda teoria, crítica da primeira com fortes desafios, entende que “estar consciente de algo é apenas uma questão de ter um *pensamento* de algum tipo sobre esse algo”. (ROSENTHAL, 1986, p. 335. Itálico meu).³ Nesse caso, as representações de ordem superior que temos não são perceptivas, mas conceituais e adquiridas pelas faculdades do pensar. Assim, para estar consciente, o estado mental precisa representar um conteúdo conceitual:

2. Uma pessoa S está consciente quando ocorre um pensamento T acerca de *p*.

Esses pensamentos representarão os estados sobre os quais são relacionados com o conteúdo informativo que esses estados possuem ou, no caso dos estados sensoriais, em relação à sua qualidade. Serão pensamentos com o efeito de que o indivíduo está em um estado de determinado tipo, onde o tipo relevante de estado é normalmente caracterizado em termos de uma atitude mantida em direção a algum conteúdo intencional ou a uma qualidade sensorial específica. Uma vez que os pensamentos em virtude dos quais nossos estados às vezes são conscientes desses estados, eu me refiro a eles por conveniência como pensamentos de ordem superior (HOTs). (ROSENTHAL, 2000, p. 206 *apud* COPENHAVER, 2007, p. 619).

Embora no presente artigo não tenha grande espaço para apresentar críticas às teorias acima, pode-se dizer que, mesmo com algumas vantagens, tal como explicar a consciência como propriedade relacional de fenômenos mentais, tais teorias não dão conta da unidade das experiências vivenciadas. Segundo Gulick (2012, p. 48),

Ter um pensamento ou uma percepção de um dado item X – seja uma pedra, uma caneta ou uma batata – não faz, em geral, de X um X consciente. Por que deveria, então, o fato de ter um pensamento ou uma percepção e um determinado desejo ou memória tornar esse desejo ou essa memória consciente?

Além do mais, essa teoria não foge à circularidade e regresso infinito, uma vez que o pensamento consciente é explicado em termos de outro pensamento, que exigiria outro pensamento sobre aquele *ad infinitum*. Isso não faz sentido a menos que se volte a explicar a consciência em termos puramente físico-químico e não-representacional.

³ Nesse caso, *higher-order thought* (HOT).

Decerto que as teorias também são insuficientes para dar conta do caráter subjetivo das experiências, ou seja, do “como é ser uma criatura X para X”, como as críticas apresentadas por Thomas Nagel ou do caráter subjetivos apresentados por Uriah Kriegel, o “como é ser *para mim*”.

Não é nossa proposta avaliar os prós e contras dessas teorias. Queremos saber se a teoria de Thomas Reid poderia ser enquadrada ou vista como uma teoria de ordem superior. Caso seja, as breves críticas acima também se estenderiam à teoria de Reid por certo.

3 THOMAS REID SOBRE CONSCIÊNCIA

O primeiro procedimento na análise da consciência em Reid é examinar suas definições. A razão para isso é dada pelo próprio Reid, que considera não existir maior obstáculo para desenvolver o conhecimento do que a “ambiguidade das palavras”. (EIP, 1.1). Muitas palavras são comuns a todos os falantes de uma língua e, por isso, não precisam de definição. São as palavras *incomuns* que necessitam de definições na medida em que podem ser definidas, visto que nem todas as palavras podem ser definidas. “As palavras comuns, portanto, deveriam ser usadas em seus significados comuns”. Para Reid, são as palavras das “*faculdades (powers) e operações da mente*” que necessitam de esclarecimentos, pois são elas mesmas ambíguas. Assim, a fim de evitar tais ambiguidades, Reid propõem defini-las, evitando assim muitas confusões em seu sistema.

Por consciência, Reid diz ser (1) “uma palavra usada pelos filósofos para significar o conhecimento imediato que temos de nosso pensamento atual e propósitos, e em geral de todas as atuais operações de nossa mente”. (EIP, 1.1.7). Sendo assim, a consciência trata com as coisas no *presente* e, por isso, não pode confundi-la com a memória, como Locke parece fazer, segundo Reid. Em seguida, Reid diz que (2) “consciência é o poder pela qual conhecemos acerca das *operações de nossas próprias mentes*; é bem diferente do poder pelo qual nós *percebemos* objetos externos”. (EIP, 1.1.7).

Tais operações da mente são todos os modos de pensar, isto é, seus estados, que nos tornam conscientes, coisas que a mentes *faz*. (EIP, 1.1.2). Esses modos de pensar são expressos em linguagem tais como dizer “vejo”,

“ouço”, “penso”, “desejo” e, embora se possa dizer “percebo ou vejo a mesa em que escrevo”, não seria correto “dizer que estou *consciente* dela”. Isto porque, segundo Reid, “consciência” não é “percepção”. Posso, quando tenho dor, dizer “sinto uma dor ou estou consciente dela”, mas não percebo a dor.

Porém, isso não quer dizer que não sejam levantados questionamentos acerca das definições de Reid sobre consciência. Por exemplo, como nota Keith Lehrer (1986, p. 1), a primeira (1) definição recai muito mais sobre o “produto epistêmico de um poder” da mente, enquanto a segunda (2) refere-se ao poder em si. Essa suposta discrepância precisa ser vista à luz da crítica de Reid às teorias das Ideias de sua época, segundo qual o que está imediatamente presente na mente não é um objeto externo, mas uma imagem interna apenas.

A hipótese a que me refiro é a de que não se percebe nada além daquilo que está na mente que o percebe; que não percebemos realmente as coisas que são externas, mas apenas certas imagens e figuras delas impressas na mente, que são chamadas de *impressões e ideais*. (IMH, 2013, p. 16. Grifos do autor).

Em outras palavras, o projeto de Reid, nesse caso, não desvincula a filosofia da mente da epistemologia. Desse modo, a consciência tem, tal como o conhecimento, certos “objetos”, como

...Nossas dores presentes, nossos prazeres, nossas esperanças, nossos medos, nossos desejos, nossas dúvidas, nossos pensamentos de todo tipo – resumindo, tudo o que nossas mentes fazem ou sofrem, enquanto isso realmente está ocorrendo. Podemos lembrar essas ações e sofreremos quando elas são passadas, mas somos conscientes delas somente enquanto estão presentes. (EIP, 6.5. Itálicos meus).

Podemos inferir que, segundo Reid, a “consciência é uma operação mental que se relaciona com outras ações ou operações mentais” (THIEL, 2012, p. 10). Diz ele:

...os objetos da consciência nunca estão quietos; O fluxo de pensamento flui como um rio, nunca parando por um momento; todo o trem do pensamento passa sucessivamente sob o olho da consciência, que sempre é assistido sobre o presente. Mas é a consciência que analisa as operações complexas, distingue seus ingredientes e os classifica em lotes distintos sob nomes gerais? Certamente não! Este trabalho não pode ser feito sem reflexão, lembrança e julgamento sobre o que nós somos conscientes e agora lembramos. (EIP, 6.1.4. Itálico meu).

Analisando:

1. Os objetos da consciência estão em fluxo constantes sob supervisão da própria consciência
2. Essa supervisão é sempre presente
3. Porém, a supervisão desses objetos consciente é feita pela reflexão, lembrança (memória) e julgamento.
4. Então, a consciência está presente apenas quando há objetos do consciente analisados no presente pela reflexão.

Ora, se a concepção de Reid envolve transitividade, isso o colocaria no rol dos teóricos de primeira-ordem. Porém, o que Reid parece dizer por “fluxo constantes” parece estar mais associado como “supervisão”. De acordo com Reid, ainda que com operações distintas, a consciência é *transiente*.

Nossa consciência, nossa memória e toda operação da mente ainda fluem como a água de um rio, ou como o próprio tempo. *A consciência que tenho neste momento não pode ser a mesma consciência que tive há um momento, mais do que esse momento pode ser esse momento anterior [...]* A consciência e todo tipo de pensamento é *transiente* e momentânea, e não tem existência contínua. (IEP 3.6. Itálicos meus).

Em outras palavras:

1. A consciência está em fluxo
2. A consciência que tenho agora – p.ex: estou na cidade de Recife, capital de Pernambuco – não é a mesma que tinha antes – p.ex: há cinco minutos sentia dores no joelho esquerdo.
3. Assim, a consciência é transiente.
4. Logo, não tem existência contínua.

Pode-se concluir que, segundo Reid, apenas quando esses objetos estão presentes na mente é que há consciência, sendo, portanto, objetos *do mental* das quais a consciência tem certeza de sua existência. Isso poderia nos fazer considerar que, à semelhança de William Lycan (2004), o que Reid descreve acima, ainda que de forma incipiente, é que haveria um mecanismo com atenção reflexiva do próprio estado mental. A diferença com Reid é que, para ele, parece não haver o “controle voluntário” (COPENHAVER, 2007, p. 620), bem como a atenção ser modificadora da consciência, sendo a própria “atenção uma forma de estar consciente” (idem). Mesmo assim, Copenhaver (2007, p. 624) não julga que transitividade implique em *monitoramento* no sentido das teorias de ordem superior porque Reid nega, “em parte”, que a atividade mental seja mediada por

“representações mentais que são armazenadas, lembradas, coordenadas, retransmitidas”, o que faria de concepção de consciência em Reid, um “processo representacional de primeira ordem”. (THIEL, 2010, p. 18). Isso, no entanto, é apenas uma advertência para não se ler demais em Reid, ou seja, uma cautela anacrônica.

Ainda assim, a despeito das diferenças e semelhanças com as teorias de ordem superior, para Reid, de fato, não há operação mental “do qual não estivéssemos, em algum sentido elementar, consciente”. (Idem, p. 19).

Ninguém pode perceber um objeto sem estar consciente de que o percebe. Nenhum homem pode pensar sem estar consciente que ele pensa. Assim, qualquer coisa que os homens não tenham consciência, não pode ser chamado apropriadamente de percepção ou de pensamento de qualquer tipo. (EIP, 2.15).

Seja como for, a fim de evitar algum anacronismo, no máximo pode-se dizer que Reid não “desenvolve uma teoria sistemática da consciência em termos das terminologias atuais e aparato conceitual”. (THIEL, 2010, p. 18). Mesmo assim, se considerarmos o aspecto já visto acima de que teorias de ordem superior distinguem consciência e reflexão, afastando-se a abordagem de John Locke, Reid faz essa distinção por considerar a consciência como uma operação mental que difere de outras operações mentais. Concorde-se com Thiel (Idem), que isso não torna a filosofia da mente de Reid numa teoria contemporânea, pois essa distinção feita por ele não pode ser usada como evidência dessas teorias atuais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz das breves considerações acima, embora Reid pudesse antecipar temas que seriam importantes nas discussões contemporâneas da filosofia da mente e consciência, certamente ele faria um bom diálogo com as teorias de ordem superior, especialmente a partir de sua concepção do papel da percepção e sensação na formação do objeto mental. Isso posto, há de concordar com Copenhaver de que a inserção de Reid nesse debate não se deve a apenas questões terminológicas. Por exemplo, é possível que a experiência apresentada no início por Armstrong poderia ser considerado um curso normal da experiência

consciente em Reid, mas que não haveria atenção sobre o objeto. Ainda assim, a experiência consciente associada à memória, ao meu ver, pareceria implicar no monitoramento de um estado sobre outro.

Haveria, ainda, de considerar como Reid analisaria o caráter subjetivo das experiências mentais, como ele responderia, ou se anuiria, com David Chalmers, Joseph Levine e Thomas Nagel, por exemplo. Porém, antecipadamente, as tentativas recentes de vincular a concepção de consciência de Reid aos debates atuais sobre teorias de consciência de primeira ordem e de ordem superior parecem promissoras, como se inferem de alguns autores.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, David. **What is Consciousness?** *In*: Block, N.; Flanagan, O.; Güzeldere, G. (Orgs.). *The Nature of Consciousness: Philosophical Debates*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1997, p.721 – 728.

CHALMERS, David J. **The Craracter of Consciousness**. New York, NY: Oxford University Press, 2010.

COPENHAVER, Rebecca. **Thomas Reid's Philosophy of Mind: consciousness and intentionality**. *In*: *Philosophy Compass*, vol. 3, n. 1, 2006, p. 278-289.

COPENHAVER, Rebecca. **Reid on Consciousness: HOP, HOT ou FOR?** *In*: *The Philosophical Quartely*, vol 57, n. 229, out – 2007, p. 613 – 634.

FOLESCU, Marina. **Thomas Reid: Philosophy of Mind**. Disponível em: <<http://www.iep.utm.edu/reidmind/>>.

GENNARO, Rocco J. (ed.). **Higher-Order Theories of Consciousness: an anthology**. Amsterdam, Netherlands; Philadelphia, USA: John Benjamins Publishing, 2004.

GULICK, Robert Van. **Consciência**. Tradução de Marcos Aurélio & Marcelo Fischborn. *In*: *Investigação Filosófica*, vol. E2, artigo digital 2, 2012.

HOSSACK, Keith. **Reid and Brentano on Consciousness**. *In*: TEXTOR, Mark (ed). *The Austrian contribution to analytic philosophy*. London-New York: Routledge, 2006, p. 36-63.

LEHRER, Keith. **Reid on Consciousness**. *In*: *Reid Studies*, n. 1, 1986-7, p. 1-9.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. vol. 1 (Livro I e II); 5ªed. Lisboa, Portugal: Calouste Gulbenkian, 2014.

LYCAN, William G. **The Superiority of HOP to HOT**. In: GENNARO, Rocco J. (ed.). *Higher-Order Theories of Consciousness: an anthology*. Amsterdam, Netherlands; Philadelphia, USA: John Benjamins Publishing, 2004, p. 93-114.

NAGEL, Thomas. **Como é ser um morcego?** *In: Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, Série 3, Vol. 15, no 1, jan-jun, 2005, p. 245-262.

NAGEL, Thomas. **Mind and Cosmos: why the materialist neo-darwinian conception of nature is almost certainly false**. New York, NY: Oxford University Press, 2012.

NICHOLS, Ryan. **Thomas Reid**. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/reid/>.

REID, Thomas. **Investigação sobre a mente humana segundo os princípios do Senso Comum**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

REID, Thomas. **Essays on the intellectual powers of man**. 2 vol. Dublin: L. White, 1785.

REID, Thomas. **Essays on the intellectual powers of man**. *In: Early Modern Texts*. Disponível em: <http://www.earlymoderntexts.com/authors/reid>.

ROSENTHAL, DAVID. **Two Concepts of Consciousness**. *In: Philosophical Studies* 49, 1986, p. 329-359.

ROSENTHAL, David. **A Theory of Consciousness**. *In: BLOCK, N.; FLANAGAN, O.; GÜZELDERE, G. (Orgs.). The Nature of Consciousness: Philosophical Debates*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1997, p. 729-753.

THIEL, Udo. **Reid and Higher Order Theories of Consciousness**. *In: Journal of Scottish Thought*. Centre for Scottish Thought University of Aberdeen, vol. 3, 2010, p. 9-22.

DADOS DOS AUTORES

Gaspar de Souza

Licenciado em Filosofia (ICSH - CESB). Pós-graduação (lato sensu) em Metodologia do Ensino da Filosofia e Sociologia (Centro Universitário Barão de Mauá, SP). Mestre em Filosofia (UFPE). Bacharel em Teologia (Seminário Presbiteriano do Norte, Recife-PE; Universidade Metodista de São Paulo). Especialização em Teologia Filosófica (Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper, Mackenzie, SP). Doutorando em filosofia pela UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Foi professor Conteudista do Curso de Filosofia EaD da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco). Revisor das Editoras Monergismo (Brasília, DF), Cultura Cristã (São Paulo) e Edições Vida Nova (preparador e revisor técnico). Interesse em Epistemologia do Testemunho e Epistemologia Analítica da Religião, Filosofia da Linguagem e seus problemas, Ceticismo, Circularidade Epistêmica, Lógica e Natureza de Deus, Gêneros Literários, Línguas Bíblicas, Hermenêutica e Exegese Bíblicas. Interessa-se em Sofistas, Platão, Aristóteles (Órganon), Estoicismo, Ceticismo, Fílon de Alexandria, Santo Agostinho, Boécio, Santo Anselmo, John Locke, Thomas Reid, Arthur Schopenhauer, Alvin Plantinga, J.L. Austin, John Searle, Paul Grice, William Alston, Nicholas Wolterstorff, Cornelius Van Til e Gordon H. Clark. *E-mail:* gasparrdesouza@gmail.com